



ÚLTIMAS LIÇÕES

A PRETEXTO DO *INSIGHT*: DA MARCA PESSOAL À ARTE GERIDA PELO CONHECIMENTO

MARIA DA GRAÇA LISBOA CASTRO PINTO

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
PORTO 2021

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto é atualmente Professora Catedrática Jubilada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Nesta Faculdade obteve o título de Agregado, nas especialidades de Psicolinguística e Neurolinguística, bem como o grau de Doutor, com uma tese de doutoramento em Psicolinguística Genética orientada pela Professora Doutora Hermina Sinclair, da Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Education de l'Université de Genève, e uma tese complementar sobre contributos neurolinguísticos para a compreensão de um caso de síndrome de dislexia profunda, orientada pelo Professor Doutor Celso Cruz, Professor de Neurologia e Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Recebeu o Prémio Gulbenkian de Ciência em 1986 com a obra *Abordagem a alguns aspectos da compreensão verbal na criança. Estudo psicolinguístico genético do Token Test e de materiais de metodologia complementar*.

De 1977 até 1995, colaborou no Laboratório de Estudos da Linguagem do Serviço de Neurologia e Neurocirurgia do Hospital de São João (Porto), dirigido pelo Professor Celso Cruz. De 1979 até 1998, investigou e publicou trabalhos sobre a linguagem oral e escrita (produção e compreensão) em crianças europeias falantes de línguas diferentes, em colaboração com a Professora Andrée Girolami-Boulinier, Professora de Ortofonía na Faculté de Médecine Pitié-Salpêtrière (Paris) e ortofonista no Hôpital de St. Vincent de Paul (Paris).

Enquanto investigadora/docente, estagiou, frequentou cursos, ministrou seminários e ações de formação, colaborou em pós-graduações, orientou dissertações e teses, proferiu conferências e participou em congressos em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente sobre psicolinguística, aquisição da linguagem, leitura e escrita, neurolinguística, afasiologia, dislexia, disortografia, linguagem e cognição, bases neurológicas da linguagem, gerontagogia,

**A PRETEXTO DO *INSIGHT*:
DA MARCA PESSOAL À ARTE
GERIDA PELO CONHECIMENTO**

MARIA DA GRAÇA LISBOA CASTRO PINTO

Ficha Técnica

Título: ***A pretexto do insight: Da marca pessoal à arte gerida pelo conhecimento***

Autor: ***Maria da Graça Lisboa Castro Pinto***

Edição: ***Faculdade de Letras da Universidade do Porto***

Ano de Edição: ***2021***

Coleção: ***Últimas Lições***

Execução Gráfica: ***Invulgar - Artes Gráficas / Penafiel***

Tiragem: ***150 exemplares***

Depósito Legal: ***482026/21***

ISBN: ***978-989-8969-76-7***

APRESENTAÇÃO

O texto que agora se publica consubstancia a “última aula” da Professora Doutora Maria da Graça Pinto, proferida no dia 30 de novembro de 2020, data em que ocorreu a sua jubilação. Infelizmente, quis o destino ou a má fortuna, que por força da pandemia que abruptamente mudou as nossas vidas, esta aula não pudesse ter o calor humano da presença do público no Antiteatro Nobre da Faculdade de Letras e tivesse de ser transmitida *online*. Mas este formato *sui generis* acabou por permitir atingir um público mais diversificado e muito mais numeroso, que se saldou em mais de duas centenas de pessoas na sessão síncrona e, no momento em que escrevo, conta já com 2.233 visualizações no YouTube.

A Professora Maria da Graça Pinto fez parte do corpo docente da Faculdade de Letras durante 44 anos, sendo, no momento em que se jubilou, a decana da Universidade do Porto. Exerceu atividade de ensino e de investigação, sobretudo, na área da Psicolinguística. Como se pode ler na nota biográfica que consta desta publicação, os seus interesses académicos e científicos versaram “sobre psicolinguística, aquisição da linguagem, leitura e escrita, neurolinguística, afasiologia, dislexia, disortografia, linguagem e cognição, bases neurológicas da linguagem, gerontagogia, envelhecimento cognitivo e a linguagem na pessoa idosa”. É, por isso, natural que, em 2006, tenha dado início ao *Programa de Estudos Universitários para Seniores da Universidade do Porto* (PEUS), o qual se mantém em pleno funcionamento, abarcando temas e problemas que dão corpo a unidades curriculares lecionadas por docentes de diversas faculdades da Universidade do Porto. Por toda a riqueza da sua carreira académica, pelos serviços prestados à Universidade e, também pela instituição do PEUS, o Senado da Universidade do Porto deu parecer favorável à proposta da FLUP para lhe ser atribuído o título de *Professor Emérito*, que lhe será outorgado em breve, no “Dia da Universidade” (22 de março).

A sua jubilação em finais de 2020 é, apenas, mais um registo administrativo no seu processo individual de docente, pois a Professora Graça Pinto continua a ser investigadora do Centro de Linguística da Universidade do Porto e a dirigir o PEUS, sendo, naturalmente, um membro da comunidade FLUP, de pleno direito.

Em nome da instituição que aqui represento, e em meu nome pessoal, deixo à Professora Graça Pinto um sentido agradecimento por toda a dedicação e

trabalho que ao longo de tantos anos deu a esta Faculdade e à nossa Universidade, esperando que a FLUP continue a ser a sua “casa” e que possamos continuar a contar com o seu saber e a sua colaboração, por muitos e longos anos.

Fernanda Ribeiro
Diretora da FLUP

A PRETEXTO DO INSIGHT: DA MARCA PESSOAL À ARTE GERIDA PELO CONHECIMENTO

Mensagem ao leitor

Esta última aula não estava pensada para vir a ser unicamente divulgada através da Internet a 30 de novembro de 2020, pelas 17h00, dia da minha jubilação. Os tempos iam adversos, em virtude da pandemia, da COVID-19, e sabia-se que, mesmo numa versão mista, o anfiteatro não comportaria mais de 50 pessoas, aproximadamente as previstas pelos convites protocolares. O distanciamento físico a isso obrigava. Quem não estivesse contemplado por tais procedimentos e quisesse juntar-se a esta iniciativa só podia mesmo fazê-lo remotamente.

Como a situação sanitária se tivesse agravado ao longo do mês de novembro, o Governo veio a definir restrições de circulação por altura dos feriados de 1 e 8 de dezembro. Em consequência das medidas tomadas, os estabelecimentos de ensino vieram a suspender as atividades a 30 de novembro e a 7 de dezembro e foi igualmente concedida, nesses dias, tolerância de ponto aos funcionários públicos. A Universidade do Porto não estaria, pois, aberta a 30 de novembro e, dadas as circunstâncias, tomaram-se as medidas necessárias para que a aula estivesse disponível de modo não presencial no dia da jubilação.

Este primeiro apontamento objetiva documentar historicamente a razão da existência de uma versão apenas online, e não mista, da minha última aula, assim como a ausência de público no anfiteatro, como os que a visualizaram puderam constatar. Tratou-se, sem embargo, de uma ausência cheia de simbolismo. Uma ausência que, para meu grande espanto, se tornou uma presença em força de estudantes, colegas e amigos na hora da sua transmissão pelo YouTube!¹

Um segundo apontamento segue-se, porém, ao primeiro. Uma última aula, como de resto qualquer aula, não deveria ser lida. Foi uma opção que tive de fazer no intento

¹ O link para visualização da aula é: www.youtube.com/universidadedoporto

de me dispersar o menos possível - porquanto não escondo o meu particular pendor para o recurso ao pensamento associativo - e de assim permitir a quem me ouvisse o acompanhamento desejado. Acresce que, não obstante ter lido a aula, a escrita que lhe deu corpo foi tecida com vista a ser dita e não lida. Aproximei-me então, seguindo a terminologia de Marcuschi (2001), de uma conceção discursiva escrita que comportasse as ancoragens textuais necessárias a uma audição sem grande esforço cognitivo, uma vez que um discurso transmitido oralmente, sem excluir o mediado pelo meio de produção gráfico, conquanto não compulsivamente coincidente com uma conceção discursiva oral prototípica, não deixa rastros, esvai-se naturalmente, à medida que se vai proferindo, por falta da possibilidade de consultar o texto que o suporta, como acontece quando lemos. Ora essa tendência terá de ser contrariada através dos artifícios verbais de que dispomos a fim de que a descodificação se processe nas melhores condições. Gerou-se, portanto, a necessidade de escrever um texto que o ouvinte agarrasse sem custo, que seguisse sem uma carga exagerada de concentração. Mais: um texto que não o fizesse pensar que, se o tivesse sob forma escrita diante dos olhos, poderia a ele voltar nos momentos em que algo lhe escapou por qualquer razão. É que essa prerrogativa só existe no texto escrito que assuma uma conceção discursiva efetivamente escrita através de um meio de produção gráfico. Por sua vez, motivada pelo tema escolhido para esta aula, a presença de relatos na primeira pessoa, com um recurso generoso a citações, também facultava certamente um melhor acompanhamento do texto e coloca, não se duvida, a atenção numa conjuntura mais confortável.

Nesta versão destinada à publicação, à exceção das figuras projetadas respeitantes aos territórios das duas malformações arteriovenosas apresentadas, que passarão a ser substituídas por descrições, tudo o resto, com os inevitáveis ajustamentos gerados pela própria escrita, se mantém idêntico à aula lida no dia da minha jubilação, inclusive o uso da primeira pessoa do singular. As diferentes secções da aula, porque o texto disso prescinde em função da sua conceção, não serão introduzidas por títulos, serão separadas por pontos de entrada assinalados com algarismos romanos em itálico.

I

Quando me perguntaram se estava nos meus planos proferir a última lição, eu respondi afirmativamente. Disse, contudo, que não concordava com a designação. Eu aceitava, sim, dar uma última aula, fechando dessa forma os numerosos ciclos de aulas que assegurei ao longo de mais de quatro décadas na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O verbo dar não é o mais adequado, mas é aquele que se costuma usar em contexto escolar. De qualquer forma, nesta ocasião concreta, diria que se trata de uma oferta letiva que apresento aos colegas, aos estudantes e aos amigos que, numa altura tão adversa das nossas existências, quiseram marcar presença, na esperança de que a proposta que lhes apresento não defraude muito as expectativas.

Serve, então, a presente aula para partilhar quatro histórias de vida, protagonizadas por quatro personagens muito distintas – umas mais conhecidas, outras até desconhecidas –, que não escaparam a uma objetiva, a minha, que delas nos projeta perfis muito singulares e também ensinamentos que não podem passar despercebidos a quem se interessa pela linguagem no que ela comporta de complexidade desafiante, instigadora de uma investigação plural que conduza a um conhecimento cada vez mais profundo dessa faculdade, que só mesmo no plano de pesquisas muito direcionadas pode ser compaginável com encapsulamentos.

Talvez neste momento resulte oportuno explicar o uso do termo “personagens” e não de sujeitos de “estudos” de caso(s), bem como do termo “histórias” em vez de “casos”, já que é afinal do que se trata se se quiser encarnar a objetividade a que nos obriga a Ciência. Optei, porém, por um olhar que procure mostrar como as Humanidades podem contribuir para colorir a seu modo o que se pratica nas ciências menos habituadas a esse matizado, quando se encontram em causa pessoas.

Atendendo a que vai ao encontro da observação feita e da escolha terminológica adotada, abriria aqui um parêntesis para compartilhar a condição imposta pela Sister Carmen, madre superiora de um dos conventos da congregação School Sisters of Notre Dame, sediado nos Estados Unidos, ao pedido que lhe foi formulado pelo epidemiologista Dr. David Snowdon, quando aceitou que ele encetasse o famoso “Nun Study” nessa congregação. Depois de algumas recomendações e de alguns silêncios, lê-se no livro “Aging with grace...” (Snowdon, 2001):

“Okay”, disse ela, como só mesmo um natural de Minnesota pode dizer.

“Okay?” Fiquei tão confuso. “Quer dizer...”.

“Espere.” Ela levantou a mão aberta e interrompeu-me a meio da frase. ““Eu avanço com o seu pedido, mas precisa de ouvir com atenção o que tenho para lhe dizer. Independentemente do que fizer, quero lembrar-lhe quem são estas mulheres. São pessoas reais. Muito queridas. Umhas pessoas santas, também. Não quero que as trate como sujeitos das suas pesquisas [...] nós tratamo-las com o cuidado e o respeito que merecem. Não esperamos de si outra coisa. [...] por isso só acenei com a cabeça e disse, Farei o meu melhor”.

A Irmã Carmem deu-me este conselho final: “Elas abrir-se-ão consigo”, disse ela, “mas, somente, se for o primeiro a dar o exemplo, se fizer a sua parte” (pp. 15-16)².

² Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original. ““Okay”, she said, as only a Minnesotan can”.

“Okay?” I was confused.” [escreve Snowdon]. E no seguimento, lê-se: “You mean...”.

“Wait.” She raised her open hand and stopped me in mid-sentence. “I’ll move forward with your request, but you need to listen carefully to what I am about to say. No matter what you do, I want you to remember who these women are. They are real people. Very dear to us. They are holy people, too. I don’t want you to treat them as research subjects [...] we treat them with the care and respect they deserve. We will expect nothing else from you. [...] so I simply nodded and said, “I’ll do my best”.

Sister Carmen gave me this parting advice: “They will open up to you,” she said, “but only if you give of yourself first” (Snowdon, 2001, pp. 15-16).

Assim sendo, não abduco de deixar neste espaço a minha gratidão às mencionadas personalidades que protagonizam as vivências que passarei a expor, na medida em que nos outorgam magistralmente, cada uma à sua maneira, as suas formas peculiares de estar na linguagem em momentos das suas vidas em que o menos desejado se tornou real.

Na qualidade de narradora dessas vivências, que nos são dadas na primeira pessoa, não oculto uma proximidade especial por uma das personagens dessas histórias de vida, não só porque se tornou a principal responsável pelo título desta aula, lembrando-me a marca de *insight* que me acompanha, mas também porque entre ambas existem alguns pontos em comum no plano de interesses e de destinos universitários.

Em relação aos possíveis interesses em comum, terei de lembrar aos que já sabem e de comunicar aos que o ignoram, que comecei a colaborar em meados da década de 70 do século transato, imediatamente após a minha licenciatura, no Laboratório de Estudos da Linguagem do Serviço de Neurologia e Neurocirurgia do Hospital de S. João/Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, motivada pelo interesse de saber, na linha de Roman Jakobson e de outros estudiosos atraídos por desígnios similares, se existiria alguma relação entre a aquisição da língua e o que se viria a verificar em casos de patologia da linguagem, mormente em afasias.

No atinente aos destinos universitários, devo avançar que, logo no início da década de 80 do século passado, usufruí de uma *Research Associate Position*, na Universidade de Indiana, Bloomington, graças ao convite que me foi endereçado pelo Professor Thomas Sebeok, Diretor do Research Center for Language and Semiotic Studies da Universidade de Indiana, no *campus* de Bloomington, e Professor da mencionada universidade.

Ora, surpresa das surpresas, a referida personagem, a que avivou em mim a marca de *insight* que me é própria, tal como eu, estava interessada num domínio que viria a ser conhecido por neurociência e terá circulado no *campus* de Bloomington da Universidade de Indiana pela altura em que este fez parte do meu quotidiano.

No trecho que passarei a ler está plasmada a sua trajetória. Ambas, afinal, enveredando por diversas áreas do saber, estávamos empenhadas em conhecer mais de perto o cérebro. Embora em geografias distintas, fomos trabalhando em matérias condizentes com as respetivas vocações, sempre com o objetivo de nos abeirarmos de uma ciência que estava a emergir, a neurociência, caracterizada por uma particular abrangência de cruzamentos disciplinares.

Relata-nos, então, Jill Taylor:

A minha viagem de estudante universitária começou na Universidade de Indiana em Bloomington no fim da década de 70 do século passado. Em virtude das minhas interações com o meu irmão, quis compreender o que era ser “normal” neurologicamente. Nessa altura, o tema neurociência era um domínio de conhecimento tão jovem que ainda não havia essa oferta no *campus* da IU como área de especialização formal. Com o estudo quer da psicologia fisiológica quer da biologia humana, aprendi o que pude do cérebro humano (Taylor, 2006, p. 5).³

II

Na hipótese de se admitir que o percurso de vida de cada um acaba por nele deixar sinais que lhe condicionam também futuras escolhas ao longo da sua existência, então o tema desta aula poderá ilustrar essa interdependência. A ideia de uma eventual projeção das vivências pessoais na história de cada um aproxima-se, em certa medida, assim considero, do pensamento do escritor José Luís Peixoto (2019). A despeito da escala de convergência entre essas duas variáveis (percurso e suas implicações, igualmente no plano de opção de vida), torna-se legítimo resgatar o conteúdo do pensamento do referido autor através de uma passagem extraída da resposta a uma pergunta que lhe foi colocada numa entrevista: “A sua vida é uma inspiração, uma influência. Porque é que gosta tanto de escrever a sua própria vida?” Eis então a parte dessa resposta que se poderá, na minha leitura, encaixar neste contexto: “Ninguém consegue afastar-se suficientemente de si próprio ao ponto de ser outra pessoa” (Peixoto, 2019, p. 12). É bem verídico que o autor acaba por refrear um pouco o seu fluxo de pensamento quando adiciona à citação transladada: “Isso não significa que nos estejam vedados exercícios de alteridade” (Peixoto, 2019, p. 12).

Contenção e liberdade, assumindo serem esses os conceitos-chave contidos nas respostas de José Luís Peixoto, aparentam competir na relação que se possa estabelecer entre o trajeto de vida de uma pessoa e as opções que venha a tomar no decurso da sua existência. A demonstrar essas duas forças - contenção e liberdade -, de que resultará com certeza o predomínio de uma em relação à outra, é possível avançar-se o que se pode ou não gerar de influência/inspiração, porventura de alteridade, entre a escolha que opero em relação às histórias que aqui deixo e o meu percurso de pesquisadora.

O presumível “exercício de alteridade”, no que se reporta à inspiração/ influência que os percursos de vida possam ter nas opções de cada um, seguindo uma eventual leitura do pensamento do escritor convocado, não será um atributo de que eu me aproprie, numa atitude que possa roçar a arrogância.

³ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “My undergraduate academic journey began at Indiana University in Bloomington, Indiana in the late 1970s. Because of my interactions with my brother, I was hungry to understand what “normal” was at a neurological level. At that time, the subject of neuroscience was such a young field that it was not yet offered on the IU campus as a formal area of specialization. By studying both physiological psychology and human biology, I learned as much as I could about the human brain” (Taylor, 2006, p. 5).

Outro caso de grande eloquência, esse sim, especificamente no plano da formação profissional, corresponde ao que se passou com a neuroanatomista Jill Bolte Taylor, a personalidade que dá voz à passagem que lhes li, e a quem voltarei neste enquadramento e sempre que for oportuno, mas não por mera casualidade. Acrescenta a dita neuroanatomista que abraçou essa especialidade, ou seja, que se tornou “cientista do cérebro” (Taylor, 2006, p. 5), como deixa escrito, por terem diagnosticado esquizofrenia a um dos seus irmãos mais velhos. E esse “rótulo”, convenha-se demasiado pesado, foi suficiente para nela se instalar uma vontade muito forte de saber o que seria ser “normal” do ponto de vista neurológico, como se pôde ouvir no trecho que li. Constata-se, assim, por um lado, como as vivências pessoais de Jill Taylor lhe determinaram o seu trajeto de vida profissional e, por outro lado, noutra escala, como o meu contacto com problemas de linguagem do foro neurológico explica a razão de ser do conteúdo desta minha última aula.

Como anunciado no título, se o *insight* pode ser uma marca pessoal, não é de excluir que, em função dos conhecimentos que vierem a ser adquiridos, por via de variadas aprendizagens ao longo da vida, este se possa implantar e vir a acentuar, em graus variados, enquanto capacidade de autoconhecimento que torna possível ver no eu um outro com um potencial imprevisível. Assoma, aqui, de novo, a ideia de alteridade com todos os seus cambiantes, na trilha da interpretação por mim dada à posição de José Luís Peixoto acima partilhada.

III

Convido-os, pois, a que me sigam nesta visita por quatro histórias de vida por mim selecionadas, nas quais também se podem encontrar pontos de confluência, malgrado a heterogeneidade que apresentam em termos de etiologia, diagnóstico e prognóstico, entre outros, tão típica de históricos neurológicos e concomitantemente neuropsicológicos.

Fica assim levantado o véu relativamente ao enfoque desta última aula.

A linguagem, oral e escrita, tinha de estar inevitavelmente presente tanto no que ela tem de processamento como nas suas ligações ao cérebro. Para lá disso, importa ver como cada um dos protagonistas das minhas histórias, de acordo com as suas capacidades, se desdobra para observar, ao sabor da respetiva formação e tendência, o outro que se solta do seu eu, descrevendo por meio da sua própria linguagem aquilo a que os especialistas dificilmente conseguem aceder através de meios tecnológicos ou de forma induzida.

A passagem que passarei a ler extraída do livro de Jill B. Taylor não pode ser mais elucidativa acerca do que se pretende aqui deixar registado em matéria de *insight*:

Okay, bem, estou a ter um stroke. Sim, estou a ter um stroke... mas sou uma mulher muito ocupada! Muito bem, como não posso impedir que o stroke aconteça, então, muito bem, vou tratar disto durante uma semana. Vou aprender o que preciso de saber acerca da forma como o meu cérebro cria a minha percepção da realidade e depois ponho a minha vida em dia, na próxima semana. Agora, que vou fazer? Pedir ajuda. Não posso perder tempo. Tenho de pedir ajuda.

À minha contraparte no espelho eu pedia. Lembra-te, lembra-te, por favor, de tudo o que estás a viver! Deixa que este seja o meu stroke de insight na desintegração da minha mente cognitiva“(Taylor, 2006, p. 46)”⁴.

E essa “contraparte no espelho”, que encarnava também a forma de uma voz de comando, é-nos dada seminalmente pela passagem que se segue redigida por Taylor (2006): “Mas ribombando como um trovão bem lá do fundo do meu ser, uma voz de comando falou-me de modo categórico: *Se te deitares agora nunca mais te levantas!*” (Taylor, 2006, p. 45)⁵.

Ora foi precisamente através desta capacidade que Taylor manifesta de dar voz ao outro que a integra que pude encontrar a resposta a dúvidas que me foram sendo suscitadas pelas produções orais de afásicos que estudei e que mantive por decifrar durante décadas. Lá irei.

IV

A familiaridade com numerosos quadros clínicos provocados por acidentes vasculares cerebrais, em virtude tanto da colaboração durante cerca de vinte anos no Laboratório de Estudos da Linguagem do Hospital de São João/Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, como da frequência de cursos e seminários nas áreas da neurolinguística e da neuropsicologia em diferentes universidades estrangeiras, serviu certamente para me alertar para o que representaria de relevante a existência de testemunhos na primeira pessoa de quem tivesse sido vítima dessa patologia. Em resultado do estudo neuropsicológico e neurolinguístico desses quadros clínicos, não causa estranheza que quem o leva a efeito sinta aumentar o desejo de conhecer o que se passa para lá do que lhe é dado averiguar, inclusive com base noutros meios de diagnóstico, isto é, o que existirá no lado oculto/pessoal dos quadros patológicos examinados e dos quais

⁴ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “*Okay, well, I’m having a stroke. Yep, I’m having a stroke... but I’m a very busy woman! All right, since I can’t stop this stroke from happening, then, okay, I’ll do this for a week! I’ll learn what I need to know about how my brain creates my perception of reality and then I’ll meet my schedule, next week. Now, what am I doing? Getting help. I must stay focused and get help.*

To my counterpart in the looking glass I pleaded, Remember, please remember everything you are experiencing! Let this be my stroke of insight into the disintegration of my own cognitive mind” (Taylor, 2006, p. 46). (Itálico no original.)

⁵ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original. “*But resounding like thunder from deep within my being, a commanding voice spoke clearly to me: If you lie down now you will never get up!*” (Taylor, 2006, p. 45). (Itálico no original.)

o estudioso no terreno só consegue avaliar a faceta que os recursos de que se serve lhe disponibilizam.

Significa isto que entrar na esfera do pensamento de doentes afásicos para aquilatar o que pensam e como pensam sob o efeito dessa patologia não deixa de ser uma aspiração de muitos estudiosos da área que gostariam certamente de conhecer um pouco mais do que aquilo que conseguem apurar através das suas abordagens. Aliás, não se pode concordar mais com o neurocirurgião João Lobo Antunes (1997) quando alude a esse mistério que tanto intriga os afasiologistas⁶. Assim, a existência de relatos que pudessem erguer um pouco o véu desse enigma seria, sem dúvida, de um préstimo extraordinário para quem lida com afásicos, alguns dos quais, como se sabe, colocam em dificuldade quem pretende compreendê-los, aparentando, como se presume, incapacidade de comunicar o que pensam e de decodificar o que lhes dizem.

Certo é que não serão muitos os que possuem a capacidade de relatar o que vivenciaram. Numa ótica científica, talvez só tenha sido possível, tanto quanto se sabe até hoje ou, pelo menos, tanto quanto me é dado saber, a Jill Bolte Taylor (2006), que teve o privilégio de usar os seus conhecimentos neuroanatómicos para sustentar o que experienciou. A própria Jill Bolte Taylor transmite no seu livro que dava consigo a interrogar-se quantos cientistas teriam a ocasião de se servirem deles próprios para estudar o que estavam a viver.

E di-lo destarte: *“Eu passava o tempo a pensar. Quantos, quantos cientistas têm a oportunidade de estudar o funcionamento e a deterioração dos seus cérebros de dentro para fora?”* (Taylor, 2006, p. 44)⁷.

Mais do que isso, mesmo os que podem ter competência científica ou não para o fazer podem não sentir vontade de narrar aquilo por que passaram, porventura com receio de virem a sentir-se deprimidos com o reviver do que sofreram. Ademais, serão provavelmente ainda em menor número os que possuem em simultâneo o dom da escrita e a capacidade de *insight* necessários para a concretização de tal tarefa.

A dado momento do seu livro, Jill Bolte Taylor (2006, p. 72) explica ao leitor que se lembra do que lhe aconteceu porque não estava inconsciente, embora estivesse mentalmente incapaz em virtude do que se estava a passar no seu hemisfério esquerdo. E lembra que mantinha a consciência da sua mente direita e a das células que constituem o seu corpo⁸. Importa reter, neste momento, o papel que estava a assumir em Jill Taylor o hemisfério direito, que, afinal, como bem lembra Paradis (1998) e inclusive a própria Taylor (2006), complementa o

⁶ Ver Lobo Antunes, 1997, p. 15.

⁷ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: *“I kept thinking, Wow, how many scientists have the opportunity to study their own brain function and mental deterioration from the inside out?”* (Taylor, 2006, p. 44). (Itálico no original.)

⁸ Ver Taylor, 2006, pp. 71-72.

esquerdo também no que à linguagem diz respeito.

E foi assim que chegou ao público em geral a “viagem pessoal ao cérebro” da neurocientista Jill Bolte Taylor.

V

Foi feita alusão às diferentes etiologias que podem apresentar os quadros do foro neurológico, em especial os que são acompanhados de afasias. Dos protagonistas das histórias que aqui partilho, dois sofreram os efeitos de malformações vasculares cerebrais congénitas, outro teve o que João Lobo Antunes, a contragosto, designa, seguindo a literatura anglo-saxónica, um “*ataque isquémico transitório*” (Lobo Antunes, 1997, p. 12)⁹ e, por fim, o último teve “uma chatice”, rótulo dado pelo próprio ao AVC que sofreu.

Servem de introito às minhas narrativas as personagens – para evitar a tendência quase inevitável para chamar “sujeitos” (de casos) –, que apresentavam malformações vasculares cerebrais, a saber: Jill Bolte Taylor e A. D.

No primeiro caso, como se pode ler em Taylor (2006), tratou-se de uma malformação arteriovenosa não diagnosticada, que causou “uma hemorragia severa no hemisfério esquerdo” (p. 35).

Sabe-se como o hemisfério esquerdo centraliza as atenções quando se alude à relação cérebro-linguagem e como é dado um enfoque singular ao córtex perisilviano desse hemisfério, dado que é o dominante para a linguagem na população em geral, por nele se localizarem as áreas clássicas de Broca e de Wernicke. Permito-me aventar que, quando estão em causa a linguagem oral e escrita, também devia ser contemplado o território de Geschwind, localizado no lobo parietal inferior esquerdo (*gyrus angular* e *gyrus supramarginal*) (Fitzakerley, 2015), de primordial papel em matéria de resposta a estímulos multimodais tão caros à linguagem escrita e quase sempre associados às afasias, mormente as que não poupam a área de Wernicke. Importa, por conseguinte, manter uma visão mais abrangente no que à linguagem e ao cérebro diz respeito (Damásio *et al.*, 2004), posto que o processamento da linguagem envolve muitas regiões do cérebro, revestindo-se também de relevância o hemisfério direito sobretudo quando da linguagem se faz uma leitura que não se confine à competência meramente linguística (Paradis, 1998) e também, no seguimento de Fitzakerley (2015), sempre que o processo de articulação das palavras tem de se combinar com um contexto emocional, traduzido por meio da prosódia.

Ainda que tenha acabado de advertir que o cérebro deve ser olhado globalmente, as malformações que nos ocupam neste momento localizavam-se efetivamente no hemisfério esquerdo e os seus efeitos repercutiram-se na linguagem, tanto oral

⁹ Itálico no original.

como escrita.

No atinente à localização da hemorragia de Jill Taylor, a que já foi feita menção, em resposta a uma pergunta que lhe foi colocada numa entrevista conduzida por Terry Gross, no programa FRESH AIR, datado de 14 de maio de 2009¹⁰, lê-se: “A minha hemorragia aconteceu no hemisfério esquerdo do meu cérebro, precisamente perto do centro e em profundidade na região temporal”¹¹.

Por sua vez, a A. D., como consta em Pinto (1984), foi diagnosticada uma hemorragia subaracnoídea, motivada por uma malformação vascular temporal profunda, à esquerda, do tipo aneurisma cirsoide, muito volumosa, nutrida por ramos da cerebral média e da cerebral posterior. De resto, na primeira angiografia que lhe foi efetuada, consta que se trata de uma malformação vascular da variedade parieto-rolândica externa (Pinto, 1984). Esta última informação confirma, de certa forma, o possível envolvimento nestas malformações do território de Geschwind, que se localiza para lá da área de Wernicke em direção ao lobo parietal e que também estará abrangido pela extensão da hemorragia de Jill, representada nas figuras das páginas 46 e 55 do seu livro *My stroke of insight: a brain scientist's personal journey* (Taylor, 2006)¹².

Não se arriscará muito se se avançar que ambas as malformações evidenciaram, admita-se com alguma variação, semelhanças tanto nos efeitos, como na localização e provavelmente também na extensão. Mais, quer em Jill Taylor quer em A. D., a malformação manifestou-se na terceira década das suas vidas, informação reveladora nas circunstâncias.

Como nem todos apresentam as qualidades de *insight* e de escrita de Jill Bolte Taylor, e nem todos possuem formação em neuroanatomia, já se poderão dar por muito satisfeitos clínicos ou estudiosos que conseguem obter de um doente, após a extirpação de uma malformação vascular temporal profunda à esquerda, um pequeno texto, como o que se encontra abaixo transcrito. O texto em questão foi redigido por A. D. numa das suas numerosas visitas ao Laboratório de Estudos da Linguagem do Serviço de Neurologia e de Neurocirurgia do Hospital de S. João, no Porto, nos idos anos oitenta do século pretérito:

Passo a ler:

Ao fim de três anos de ausência, hoje, mas não por brincadeira do 1.º de Abril, estou mais uma vez a trabalhar com a Sr. Dr.ª G. Não me passava pela cabeça que ainda

¹⁰ Entrevista disponível em <https://www.npr.org/transcripts/104154403>, acedida a 1 de janeiro de 2021.

¹¹ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “My hemorrhage happened in the left hemisphere of my brain, right near the center and deep into the temporal region.” (Disponível no link constante da nota 10.)

¹² Não admira, pois, que Jill Taylor escreva que a sua malformação arteriovenosa “originally burst near the middle to posterior portion of [...] [her] cerebral cortex in [...] [her] left hemisphere” (Taylor, 2006, p. 60).

viria à sala onde por várias vezes “lutámos” com a dificuldade de um (o meu) e a ajuda da Sr.³ Doutora.

É bom, ao fim de três anos nos encontrarmos, só é pena que eu não possa ter conseguido tanto como desejaria.

Emerge das linhas redigidas por A. D., antes de mais nada, um progresso notável verificado na escrita em alguém que, para lá de outros sintomas, manifestou uma afasia e uma agrafia, tendo esta última, no decurso da sua evolução, passado pelo que os especialistas designam por paragramatismo. Após a remoção total da malformação arteriovenosa, através de duas intervenções cirúrgicas, diagnosticou-se ainda um quadro transitório de dislexia profunda (Marshall & Newcombe, 1966, 1973, 1980; Coltheart, 1980; Pinto, 1984), ou seja, uma dislexia que nos anos setenta e oitenta do século XX começava a ser conhecida e explorada, a par de outras, designadamente a de superfície e a fonológica. Trata-se de uma tipologia disléxica que muito contribuiu tanto para que se pudesse entender melhor o que estaria afetado no processamento da leitura, como para fins de intervenção por parte de terapeutas da fala. Os estudos psicolinguísticos muito concorreram para revelar as várias vias passíveis de estar afetadas no processamento da leitura.

De retorno, porém, ao *insight*, do pequeno texto produzido, sente-se aflorar, nos moldes possíveis, um olhar do autor sobre o seu passado de “luta” e o estado em que se encontra. Além disso, dele emana também uma simpatia especial pelo clima amigável que viveu no hospital nos momentos em que foi estudado. E esses momentos eram por ele vistos como cenários em que cada um dos presentes, assumindo o seu papel, se esforçava por ir reduzindo as dificuldades que teimavam em subsistir. Importa reter que, não obstante o resultado não ser ainda o ideal, não emana do depoimento qualquer ressentimento.

A contrastar com o clima de empatia revelado por A. D., temos o testemunho de Jill Bolte Taylor que não revela que se tenha registado sempre uma atmosfera de grande afabilidade com os profissionais que lhe fizeram exames. Mais: esses exames foram em tal número no início do seu internamento que a passagem seguinte deixa o leitor perfeitamente elucidado: “Tomara eu receber um dólar por cada exame neurológico que me foi feito durante aquelas primeiras 48 horas” (Taylor, 2006, p. 74)¹³.

Essa falta de simpatia motivou-lhe que decidisse como fazer quando chegasse o momento da reabilitação. Confessa então que foi sua decisão colaborar de acordo com a forma como a abordassem. Se os profissionais a tratassem como deveriam, teriam uma resposta em conformidade. Se não o fizessem, ignoraria o

¹³ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “I wish I had a dollar for every time I was given a neurological exam in that first 48 hours” (Taylor, 2006, p. 74).

que lhe estavam a solicitar¹⁴.

Quem lê o livro de Jill Bolte Taylor não deixa de sentir que a sua formação em neuroanatomia está muito patente na narrativa que faz do seu quadro clínico. Lamentarão, por certo, os estudiosos de problemas de linguagem oral e escrita que a autora não confira um pouco mais de pormenor a essas duas modalidades de uso da língua, ou seja, se limite a fazer-lhes uma alusão geral, vaga, sim, mas muito rica, conforme se pode comprovar, no que concerne à fala, no próximo fragmento:

Para minha grande sorte, o meu colega e amigo, Dr. Stephen Vincent, estava no gabinete. Quando levantou o auscultador, pude ouvi-lo falar, mas a minha mente não conseguia decifrar o que dizia. Eu pensei *Meu Deus, ele parece um golden retriever!* Pensei que o meu hemisfério esquerdo estava tão distorcido que eu já não conseguia compreender o que diziam. Contudo, fiquei tão aliviada por me terem posto em contacto com outra pessoa que me saiu pela boca fora. “É a Jill, Preciso de ajuda! Bem, pelo menos foi o que tentei dizer. O que saiu exatamente da minha boca aproximava-se mais de grunhidos e gemidos, mas felizmente Steve reconheceu a minha voz (Taylor, 2006, pp. 54-55)¹⁵.

Reside no trecho transcrito a resposta às dúvidas que eu mantive por esclarecer durante décadas.

Que percecionavam/descodificavam os afásicos, muito em particular os jargonafásicos, quando os outros lhes dirigiam a palavra e como se ouviam no movimento de retroalimentação dos seus discursos?

Aquando da minha colaboração no Laboratório de Estudos da Linguagem do Hospital de São João assisti a uma conversa algo insólita e que, por todas as razões, não estava prevista. Um dia, deu-se um encontro não agendado de dois afásicos com jargonafasia no meu espaço de trabalho. Para espanto dos presentes, que já nem me lembro quem eram, os dois afásicos começaram a conversar um com o outro muito satisfeitos. Só quem já ouviu um jargonafásico pode entender bem o espanto que aquela conversa pode ter despertado em mim. Não posso crer que estivessem a manter uma conversa normal. Suscitou-me, porém, uma estranheza acrescida a satisfação que manifestavam. Poderá levantar-se a hipótese de toda aquela euforia estar associada ao hemisfério que neles se

¹⁴ Ver Taylor, 2006, p. 82.

¹⁵ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “To my great fortune, my colleague and good friend, Dr. Stephen Vincent, was sitting at his desk. As he picked up the receiver, I could hear him speak, but my mind could not decipher his words. I thought, *Oh my gosh, he sounds like a golden retriever!* I realized that my left hemisphere was so garbled that I could no longer understand speech. Yet, I was so relieved to be connected to another human being that I blurted out, “This is Jill. I need help!” Well, at least that’s what I tried to say. What exactly came out of my mouth was more akin to grunts and groans, but fortunately Steve recognized my voice” (Taylor, 2006, pp. 54-55). (Itálico no original.)

encontrava sem problemas, ou seja, o hemisfério direito, o hemisfério recetivo ao conteúdo emocional, ao tom de voz, à expressão facial, e à comunicação vista globalmente¹⁶.

De regresso ao texto de Jill Taylor, revela-se claro que a autora tinha concomitantemente problemas de expressão e de compreensão, que podiam fazer pensar que em dado momento a hemorragia lhe provocara uma afasia do tipo mais global¹⁷. Quanto à expressão, narra Jill Bolte Taylor com muita lucidez o que sentiu quando se deu conta de tal facto:

Fiquei, todavia, chocada quando me dei conta de que não falava de um modo inteligível. Embora conseguisse ouvir-me perfeitamente no interior da minha mente [...] os sons que saíam da minha garganta não correspondiam a palavras no meu cérebro (Taylor, 2006, p. 55)¹⁸.

Em relação à compreensão, a sua dificuldade é evidente nesta passagem: “À medida que ela falava, se bem que eu ouvisse as suas palavras, não conseguia agarrar-lhes o significado” (p. 59)¹⁹. Não fica muito claro o que ela considera por palavras, na medida em que mais à frente escreve: “Não conseguia ligar o significado aos sons e extrair sentido do que ela dizia” (p. 59)²⁰.

Fica, assim, a descoberto como soa o que diz e o que ouve dizer um afásico posterior.

A linguagem escrita, esta também não resistiu, como se pode ler a seguir: “O meu cérebro já não conseguia reconhecer a escrita como escrita, ou símbolos como símbolos” (p. 57)²¹.

Não se questiona, contudo, que Jill Bolte Taylor também tenha sido estudada por neuropsicólogos e neurolinguistas. Acredita-se, pois, que não tenha sido apenas sujeita a exames meramente neurológicos. Provavelmente a autora

¹⁶ Ver Taylor, 2006, p. 34.

¹⁷ Ver Taylor, 2006, p. 60. Precisamente nessa página, lê-se: “Although the AVM originally burst near the middle to posterior portion of my cerebral cortex in my left hemisphere, by this point, the cells in my left frontal lobe - responsible for my ability to generate language, were also compromised” (Taylor 2006, p. 60).

¹⁸ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “I was shocked, however, when I did realize that I could not speak intelligibly. Even though I could hear myself speak clearly within my mind [...] the sounds coming out of my throat did not match the words in my brain” (Taylor, 2006, p. 55).

¹⁹ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “As she spoke, although I could hear her words, I could not grasp their meaning” (Taylor, 2006, p. 59).

²⁰ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “I could not connect meaning to the sounds and make sense of what she said” (Taylor, 2006, p. 59).

²¹ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “My brain could no longer distinguish writing as writing, or symbols as symbols” (Taylor, 2006, p. 57).

considerou, contudo, esses desempenhos menos relevantes para os leitores que viessem a ler a sua história clínica antes e após a extirpação da malformação arteriovenosa congénita. Sabe-se inclusive que a sua recuperação demorou cerca de oito anos.

VI

Prosseguindo com a ideia de que não existirão, que se saiba, muitas narrativas na primeira pessoa de quem sofreu acidentes vasculares cerebrais que seriam da maior utilidade para quem os estuda e trata, já que ajudariam a desvendar o que vai nas suas mentes, sobretudo nas fases mais agudas do seu estado clínico, justifica-se retomar nesta oportunidade as palavras do neurocirurgião João Lobo Antunes (1997). Este médico, ele também, lamenta que não existam narrativas na primeira pessoa da doença vascular cerebral e expressa-o com muita elegância na qualidade de prefaciador da obra de José Cardoso Pires (1925-1998), um dos escritores portugueses mais marcantes da segunda metade do século XX, que redigiu um incontestável *poema* (*De profundis, valsa lenta*) acerca do acidente que sofreu. Atente-se, pois, no trecho que se segue:

Devo dizer-lhe que é escassa a produção literária sobre a doença vascular cerebral. A razão é simples: é que ela seca a fonte de onde brota o pensamento ou perturba o rio por onde ele se escoia, e assim é difícil, se não impossível, explicar aos outros como se dissolve a memória, se suspende a fala, se embota a sensibilidade, se contém o gesto. E, muitas vezes, a agressão, como aquela que o assaltou, deixa cicatriz definitiva, que impede o retorno ao mundo dos realmente vivos. É por isso que o seu testemunho é singular, como é única a linguagem que usa para o transmitir (Lobo Antunes, 1997, p. 9)²².

Justifica-se advertir que, quando João Lobo Antunes usa a expressão “a produção literária”, ela é efetivamente literária no caso de José Cardoso Pires. Já o mesmo não se poderá dizer, por exemplo, da escrita de Jill Bolte Taylor. Uma neurocientista/neuroanatomista, sim, mas não que se saiba uma escritora. É natural que João Lobo Antunes quando usa a expressão “produção literária” não queira com isso confinar-se a narrativas lavradas numa linguagem mais elaborada. Acredita-se, em contrapartida, que também lhe agradariam ver produzidos textos neste âmbito por quem dominasse suficientemente a escrita. Sabe-se que a escrita não é uma prática muito exercida pelo português comum, que não raramente se sente inibido quando precisa de a usar mesmo em situações banais.

Atendendo a que não serão muitos os portadores de problemas vasculares cerebrais que possuem um domínio da escrita que tanja o nível literário, não

²² Itálico no original.

surpreenderão: 1) o encantamento que terá desencadeado no público leitor mais exigente a leitura de *De profundis, valsa lenta* de José Cardoso Pires; 2) a designação *poema* que foi conferida à obra por mim; e 3) os epítetos “singular” para traduzir o depoimento em causa e “única” para caracterizar a linguagem usada na obra, convocados pelo neurocirurgião João Lobo Antunes.

VII

Ao invés do que se passa no livro de Jill Bolte Taylor, o autor de *De profundis, valsa lenta* nada partilha com o leitor sobre “*o substrato neurológico do que lhe ocorrerá*” (Lobo Antunes, 1997, p. 10)²³ - um “*ataque isquémico transitório*” (p. 12)²⁴ -, porque, como aduz o autor do aludido prefácio, não quis saber nada em termos neurológicos do que lhe tinha acontecido. É curioso notar como João Lobo Antunes, senhor de vasta cultura e grande humanista, reconhece que José Cardoso Pires espelha bem o seu espírito matemático na “*história clínica*” (p. 10) que outorga ao leitor, ou seja, nas suas palavras:

só poderia ser contada ao seu modo, o que significa que os fenómenos que descreve são mais facilmente apreensíveis através dos seus instrumentos narrativos do que através de um relatório minucioso de um qualquer neuropsicólogo (Lobo Antunes, 1997, p. 10)²⁵.

É deveras evidente que sem grandes pormenores neurológicos que poderiam ser menos do gosto de um leitor que estivesse especialmente empenhado em ler o livro de José Cardoso Pires, no “*punhado de palavras à guisa de prefácio*” (Lobo Antunes, 1997, p. 7)²⁶, João Lobo Antunes só fornece moderadamente alguma informação clínica, no intuito, sem dúvida, de complementar a publicação com o equilíbrio desejado. É cativante, de resto, observar como busca explicar, não se socorrendo de meios exclusivamente científicos, a razão da recuperação verificada no acidente vascular cerebral em análise. A primeira explicação é mais popular e talvez pudesse ser aventada por qualquer analfabeto. Afirma o neurocirurgião que José Cardoso Pires teve efetivamente sorte. Todos sabem que, nestas andanças, o fator sorte é uma variável que conta muito. A segunda explicação, já mais sofisticada, faz todo o sentido nos dias de hoje em que o envelhecimento prevalece e em que os longevos precisam de gozar da melhor qualidade de vida possível. No entanto, dessa segunda explicação deve também retirar-se como lição que o cérebro deve ser exercitado continuamente para que esteja pronto a resistir a

²³ Itálico no original.

²⁴ Itálico no original.

²⁵ Itálico no original.

²⁶ Itálico no original.

possíveis ameaças. Redige então João Lobo Antunes relativamente à segunda explicação:

A segunda [explicação], é que a área que temporariamente V. deixou à sede e à fome, e pela qual falava, lia e escrevia, tudo funções em que é exímio, era mais musculada que a do comum dos mortais. E isto não é treta, porque se sabe hoje que os donos de ouvido absoluto [...] têm a área auditiva do córtex cerebral indiscutivelmente hipertrofiada (Lobo Antunes, 1997, p. 14-15)²⁷.

Neste quadro clínico, como nos outros já apresentados, o acidente vascular cerebral afetou o hemisfério esquerdo, o dominante, assim chamado por estar em geral associado à linguagem, acima de tudo à competência linguística *stricto sensu*. Acontece, porém, que os acidentes que atingem o hemisfério direito, mais ligado à competência pragmática, ajudam a provar que, afinal, ambos os hemisférios são importantes porquanto concorrem para um processamento da linguagem *lato sensu* (Paradis, 1998). Pode mesmo avançar-se que José Cardoso Pires, não tendo tido lesões no hemisfério direito, conseguiu ver preservadas atividades de que dependem fortemente os escritores.

De uma forma muito altiloquente, como lhe é bem peculiar, João Lobo Antunes tece o seguinte trecho – diga-se “en passant” – com uma boa dose de hemisfério direito, dada a presença de sentido figurativo:

É certo que o outro hemisfério, o não-dominante, lá ia trabalhando, ocupado a vigiar a caldeira das emoções. Lesões desse hemisfério – o direito – causam dano à capacidade de organizar uma narrativa, contar uma história, escrever uma carta ou rir com uma anedota. Disto V. escapou (Lobo Antunes, 1997, p. 16)²⁸.

Os estudos de lesões no hemisfério direito, como procede Paradis (1998), revelaram que os atos de fala indiretos, o sentido figurativo, a metáfora, a coesão textual, a organização do discurso, os jogos de linguagem, o humor, o atingir o cerne de uma história, o processamento narrativo, entre outros aspetos não estritamente de ordem fonológica, sintática e semântica, podem estar perturbados e motivar défices de comunicação diferentes dos que advêm de lesões no hemisfério esquerdo, mas igualmente incapacitantes, “if not more” (Paradis, 2004, p. 15). José Cardoso Pires parece ter sido poupado de todos os aspetos listados, que se coadunam com a linguagem em situação.

O mesmo quadro estará também presente em Jill Bolte Taylor, que não descreve, todavia, da mesma forma a “ausência” do hemisfério esquerdo e a “presença” do direito, uma vez que da narração que faz se sente emergir a linguagem no seu todo associada ao hemisfério esquerdo, que intitula de “brain

²⁷ Itálico no original.

²⁸ Itálico no original.

chatter” (“o cérebro tagarela”). Será talvez por isso que se interroga acerca do que terá sucedido ao seu hemisfério esquerdo: “Onde é que estava a minha linguagem... em que se tornara o meu cérebro tagarela, agora substituído por uma paz interior penetrante e sedutora?” (2006, p. 47)²⁹. Jill Bolte Taylor não encobre, todavia, em diversos momentos do seu livro, que ambos os hemisférios se complementam, designadamente em situações ditas normais.

VIII

Outro ponto em comum entre Jill Bolte Taylor e José Cardoso Pires, mas focado diferentemente pela primeira e explorado de um modo exímio por este último, diz respeito ao afastamento/distanciamento que se verificou entre o Eu e o Outro em que se tornaram em virtude do acidente.

A transformação noutra alguém, à maneira de uma despersonalização em processo, foi sentida por José Cardoso Pires quando em resposta à sua mulher, no dia em que lhe aconteceu o acidente, disse que lhe parecia que se chamava Cardoso Pires, não referindo José, o que seria a resposta mais adequada para dar à sua esposa. Tratava-se, consoante acrescenta, de “outro indício do distanciamento provocado pelo golpe de azar que [...] [o] destituíra de memória e de passado” (Cardoso Pires, 1997, p. 23). E continua, com uma formulação de quem é mestre no uso da escrita: “Ele, o Outro. O outro de mim” (p. 24). Ainda no começo de *De profundis, valsa lenta* persiste: “Sim, foi ali. [...] [que] me transferi para um Outro sem nome e sem memória e por consequência incapaz da menor relação passado-presente” (p. 24).

E o motivo da ausência de memória vai surgindo ao longo da obra como uma marca profunda do acidente sofrido. Lê-se na página 25: “Sem memória esvai-se o presente que simultaneamente já é passado morto. Perde-se a vida anterior”. Designa o autor a esse estado de sem memória, as “trevas brancas” (p. 41), os “cegos tempos” (p. 52), o “tempo cego” (p. 53), a “morte branca” (p. 59).

De profundis, valsa lenta, um hino à memória, retrata no fundo uma passagem das “trevas brancas”, da ausência de memória, da “morte branca” ao reencontro com a memória, ao regresso paulatino à felicidade. Tomando de empréstimo as palavras do autor, este poema em prosa configura uma “viagem à desmemória” (p. 63). Uma viagem de um Outro que voltou a ser Eu e que, em consequência disso, chama “minha” a essa viagem.

Essa transição/viagem é desenhada por José Cardoso Pires nestes termos:

²⁹ Tradução, da inteira responsabilidade da autora deste texto, do original: “Where was my language... what had become of the brain chatter, which was now replaced by a pervasive and enticing inner peace?” (Taylor, 2006, p. 47).

Num golpe repentino tinha perdido a inteireza da fala, no mesmo golpe tinha perdido os valores da grafia e ficara analfabeto de mim e da vida. Subitamente também, retomara tudo isso mas foi preciso algum tempo para começar a ter consciência de tamanha felicidade (Cardoso Pires, 1997, p. 57).

Não é, pois, de espantar que, a fechar a obra, em “**Entrelinhas duma Memória**”³⁰, José Cardoso Pires formule assim:

1) Memória, Memória Descritiva e, daí, *Memória duma Desmemória* poderia chamar-se a este relato se o rigor científico me tolerasse um título de metáfora tão esguia e o gosto da escrita o não rejeitasse por exibicionismo fácil.

Todavia, culpa minha, foi na memória ou na tragédia da memória que, com maior ou menor erro, concentrei o acidente vascular cerebral que acabo de redigir. Se esse enfocamento é aceitável do ponto de vista neurológico não sei, mas foi a experiência sofrida que mo ditou na interpretação forçosamente diletante em que a tentei descrever (Cardoso Pires, 1997, p. 65)³¹.

Este fragmento, extraído de *De profundis, valsa lenta*, contém possíveis ensaios de títulos com que a obra poderia ter sido rotulada. Acabaram, contudo, por ser rejeitados em favor de um outro menos comum, mais musical, mais enigmático, que convida à leitura da obra sem prévio anúncio de que se trata de memória ou de desmemória, ou de despersonalização.

É legítimo, todavia, afirmar que são esses ingredientes (memória/desmemória; Eu/Outro; despersonalização) que fazem de *De profundis, valsa lenta* um verdadeiro poema e permitem ao público interessado compreender o que possa desenrolar-se para além de tudo o que os exames neurológicos e neuropsicológicos revelam sobre os acidentes vasculares cerebrais. Além do mais, quando esses relatos saem da pena de mestres, só podem ser recebidos de braços distendidos e com um espírito pleno de abertura.

Já Jill Bolte Taylor não terá estado, tudo leva a crer, tão preocupada com o título que escolheu para a sua história. Qualquer um antecipa no título “My stroke of insight: a brain scientist’s personal journey” o que o espera em matéria de leitura. De resto, a autora, cientista de formação, nem parece ter receado qualquer desrespeito a uma terminologia científica inflexível ao incluir no título a metáfora “personal journey”.

Ambos os históricos, conquanto situados em patamares de escrita diferentes, apontam aspetos que os aproximam, por conta do hemisfério afetado, embora reportados à luz de cada um dos protagonistas. Os dois vivem cenários de despersonalização, apropriando-me do termo usado por José Cardoso Pires. Verificam-se ainda, nos dois, visões muito pessoais do efeito da lesão no hemisfério

³⁰ Negrito no original.

³¹ Itálico no original.

esquerdo, embora de etiologias distintas. Em Jill Bolte Taylor (2006), observam-se o sentimento de “silent mind” (p. 57), a experiência de “dramatic silence” (p. 75) e a sensação de “deep inner peace” (p. 82); em José Cardoso Pires, vê-se o leitor confrontado com diferentes formas de alusão à perda de memória, sendo porventura mais expressiva e literária a belíssima expressão “morte branca”. O autor terá reconhecido que se trata de uma expressão questionável aos olhos de qualquer ser humano e, por isso, resolve desenvolver exemplarmente a ideia que ela transporta: “Bem sei, a morte branca não existe, eu estive lá. Tudo o que me aconteceu nessas paragens cabia aos outros, não me tocava. Era um glaciar, a morte branca. A memória congelada” (Cardoso Pires 1997, pp. 65-66).

IX

A terminar este breve apanhado sobre narrativas na primeira pessoa de pacientes/personagens que sofreram acidentes vasculares cerebrais de etiologias diversas, apenso algumas notas relativas ao testemunho de um conhecido médico patologista português, Manuel Sobrinho Simões, contido numa entrevista publicada no *Expresso - Revista* de 25 de agosto de 2018, intitulada *Manuel Sobrinho Simões «Vivemos de truques para sofrer o menos possível»*, Luciana Leiderfarb (texto) e Rui Duarte Silva (fotografias)³².

O depoimento de Manuel Sobrinho Simões acerca do seu acidente vascular cerebral, do seu AVC, como refere e em consonância com a designação mais comumente usada em Portugal, distingue-se, decerto, de qualquer outro saído de alguém com o mesmo problema, na medida em que dele ressalta um dado “fair play”. É bem verdade que o acidente que o atingiu não terá sido dos mais graves, o que lhe permite afirmar, a dado momento, “E tive sorte”. Quanto à sua forma otimista de olhar para a situação em que se encontra, explica à jornalista “É a única forma de lidar com isto”. E esse “isto”, o AVC, é por ele chamado “a minha chatice”.

Apesar de em determinado passo da entrevista ter aludido a que lhe tenham diagnosticado um “embolismo paradoxal” e ter fornecido mais uma ou outra informação, não é avançado muito mais do ponto de vista clínico. O que ressalta de curioso nesta história do foro neurológico, em especial para quem se interessar por patologia da linguagem, reporta-se à sintomatologia afasiológica descrita por Manuel Sobrinho Simões. Com efeito, Manuel Sobrinho Simões apresentava parafasias, nomeadamente verbais. A este propósito, pode ler-se o que refere como sendo “um susto tremendo”:

³² Disponível em <https://jardimdasdelicias.blogs.sapo.pt/manuel-sobrinho-simoes-vivemos-de-1032978>, acedido em 25 de julho de 2019. As citações extraídas da entrevista, por razões técnicas, não puderam ser acompanhadas da página. Podem ser, todavia, encontradas e confirmadas na parte inicial da entrevista, mais centrada no acidente vascular cerebral sofrido por Manuel Sobrinho Simões.

Repare que, quando acordo no primeiro dia, os médicos mostram-me um cão. Eu digo “cão”. Mostram-me um gato e eu digo: “Não é tigre, mas não sei o nome”. Mostram-me uma caneta e eu sei o que é – é uma esferográfica, mas quero a outra palavra. E não a tenho. [...] Apanha-se um susto porque são palavras que você sabe, só não as consegue dizer.

E dá exemplos de parafasias que cometia. Uma delas encontra-se no seguinte fragmento extraído de uma das respostas integrantes da entrevista: “[...] ia oferecer três garrafas a uns homens que nos arranjaram uns pinheiros e eu disse que tinha três ‘gravatas’ para lhes dar”. Outra parafasia é citada numa outra resposta: “Dizia ao meu filho: ‘Traz-me o jornal’, e ele respondia: ‘Pai, porque é que me pede o elevador?’”. Outras parafasias poderá o leitor consultar se aceder à versão integral da entrevista³³.

Verifica-se, todavia, que se está perante uma personalidade que, apesar de ter tido sorte com o tipo de acidente de que foi acometido, não se deixa dominar pelas adversidades. Daí que faça este comentário: “O que posso dizer é que depois do susto comecei a fazer esforços, a aprender”. E continua:

Faço fisioterapia da fala, decoro lengalengas, gravo-me a ler em voz alta e verifico os erros... Todos os dias de manhã. E também tenho dito poemas cada vez mais difíceis. Porque sinto sempre, a todo o momento, esta nova fragilidade.

Manuel Sobrinho Simões esclarece, ainda, que lê muito depressa. Com esta informação, pode inferir-se que era uma pessoa que lia recorrendo ao processamento descendente, que lia conduzido pelo sentido. Acontece que, nas circunstâncias, o processamento teve de passar a valer-se também – ou sobretudo – do processamento ascendente, do estímulo, essencialmente na leitura em voz alta, e isso leva-o a explicar o que se passa quando lê alto, ou quando recita poemas: “Eu leio muito depressa, mas se agora me pedir para ler alto vou cometer muitos erros. Se tiver de dizer um poema, a preocupação por pronunciar bem as palavras faz-me deixar de o perceber”.

Quer isto dizer que o fixar da atenção em exclusivo na tarefa de processar/decifrar o estímulo com que se vê confrontado a fim de o pronunciar devidamente lhe ocupa inteiramente a memória operatória, bloqueando-lhe a passagem à sua compreensão. A decifração da escrita que era executada até ao acidente de modo rápido, numa atitude que se diria automática, transformou-se numa tarefa que, porque mais árdua, coloca em causa o exercício pleno da memória em/de trabalho/operatória, de que se esperava o labor conducente à compreensão do material que a ela acede. O testemunho presente no excerto transcrito exemplifica bem como a leitura, para que se torne leitura compreensão, que é

³³ Para aceder à entrevista ver nota 32.

afinal a sua primordial razão de ser, deve assentar em grupos de sentido. Não deve jamais coincidir com combinações de nível infralexical, com lexemas isolados, ou com conjuntos de mais do que um lexema, que não configurem um todo provido de sentido. Não terá sido por acaso que Girolami-Boulinier (1993) insistia tanto na leitura indireta apoiada sempre em grupos de sentido, técnica que tanto pode ser aplicada na aprendizagem do oral em crianças, como na sua reeducação ou mesmo na de adultos que dela necessitem (consultar, para um melhor entendimento da sua concretização, Pinto, 2017, pp. 68-73).

Justifica a preocupação em pronunciar bem as palavras o recurso por parte de Manuel Sobrinho Simões a um elemento novo que o acompanhava aquando da entrevista a que se tem recorrido. E esse novo elemento já consta da nota introdutória à entrevista:

Entra na sala, os óculos, a afabilidade, o sorriso de sempre. Mas há um elemento novo, um caderninho que pousa na mesa antes de iniciar a conversa. “Você desculpe, agora tem de ser assim”. E foi. Escreveu muitas palavras a fim de as decodificar devidamente, algumas só para ter a certeza, que isso de errar não está no seu ADN.

Mais adiante, já numa das respostas dadas pelo entrevistado, fica-se mais esclarecido:

Ajuda-me [o caderninho] a separar as sílabas de certas palavras. Por exemplo, só consigo dizer ‘sussurrar’ ou ‘helicóptero’ se o escrever. Na verdade, poderia não ter o caderno, mas faço gosto de ter. É uma forma de disclosure: meus amigos, eu tive esta chatices [o AVC], não sou um atrasado. Tenho só mais dificuldade.

Há ainda duas respostas da entrevista que muito devem dizer a quem é especialista de linguagem.

Numa das respostas, Manuel Sobrinho Simões traduz bem o estado de comando consciente em que deve estar quem se encontra em fase de recuperação e a fazer reabilitação. E essa postura implica um esforço continuado, um uso reforçado de processamento controlado com envolvimento peculiar do córtex (Paradis, 2004). Não convém, portanto, que deslize para um processamento tendencialmente automático. Afirma então com um rigor de expressão fora do comum: “As pessoas acham que fiquei muito bem, e estou bem. Mas se começar a ficar confortável baixo a defesa e os erros aparecem”.

A relação de “confortável” com a “baixa de defesas” expressa com grande precisão o que acontece quando qualquer execução que se encontra fragilizada não é acompanhada do esforço, do estado de consciencialização e do controle indispensáveis no momento de ser chamada a intervir, com o esperado envolvimento das áreas corticais que a ela estão adstritas.

Noutra resposta, está em causa o automatismo/o adquirido vs. o aprendido no que respeita às línguas estrangeiras. Manuel Sobrinho Simões declara que não é atrasado, mas que tem só mais dificuldade. E explica a sua dificuldade:

Falo inglês e francês, e um pouco de espanhol. [...] Se falar de coisas técnico-científicas, o inglês continua fluente. Mas se conversarem comigo a um outro nível, mais pessoal, fico perdido. Não consigo fazer small talk.

O aprendido, o quase adquirido por força de um uso muito frequente, ou seja, o falar de coisas técnico-científicas, supera o que se situa numa esfera de um aprendido que não se tornou um hábito passível de conduzir à aquisição, a saber: o “small talk”, com tudo o que ambos os registos impliquem de empenhamentos de zonas cerebrais acionadas e de memórias postas em prática.

Tirando partido da imagem de Claude Germain (2018), diria que o sulco traçado pelo falar frequente de matérias técnico-científicas deixou marcas muito mais profundas no cérebro do que o “small talk”, motivando a preservação desse registo, à semelhança do que se passa nos carreiros que vão ganhando forma na terra continuamente batida e que acabam por barrar o renascer de quaisquer ervas daninhas. Por sua vez, seguindo a leitura figurada de Claude Germain, as pegadas deixadas ao de leve no caminho traçado pelo “small talk” não impedem que este se vá esbatendo com o despontar progressivo da vegetação. E assim se verifica a diferença, também cerebralmente, com repercussões psicolinguísticas, nos desempenhos dos dois tipos de registos em matéria de línguas estrangeiras que Manuel Sobrinho Simões menciona.

Os ensinamentos que se podem retirar das respostas de Manuel Sobrinho Simões são da maior relevância para quem trabalha na área da linguagem. As respostas que dá concorrem para pôr em confronto a teoria – a literatura que se consulta durante os cursos –, com a prática, mesmo por parte de quem não tem hábitos clínicos.

X

Chegado é o momento de concluir. Os relatos na primeira pessoa apresentados podem naturalmente dizer mais e ser mais bem interpretados por quem possua uma formação em neuropsicolinguística. Sem embargo, a sua importância não se deve circunscrever a quem estuda patologia da linguagem com origem em lesões do hemisfério esquerdo, visto que eles propiciam igualmente um conhecimento mais profundo do processamento da linguagem, e consequentemente da linguagem, mediado pela voz do seu agente. Ora essa voz, que tem origem no íntimo de cada um, não é facultada nem por nenhum compêndio, nem por nenhum tipo de exame neuropsicológico, nem por nenhum aparelho usado

em neurorradiologia ou de outra índole, incluindo os que permitem os estudos imagiológicos tão em voga.

O que atrairá mais no que foi aqui traçado talvez resida na divergência de testemunhos prestados, que consubstanciam olhares distintos dos respectivos acidentes vasculares cerebrais. Reforça essa diversidade de históricos de vida a heterogeneidade existente entre os afásicos. As etiologias até podem ser semelhantes, mas os desempenhos diversos. Ademais, a enfatizar a dita não homogeneidade entre afásicos deparamo-nos com variáveis que favorecem essa variedade: produções verbais de dimensões e de características variadas, bem como personagens detentoras de habilitações literárias distintas e com diferentes profissões. Acresce que o dar voz ao que se passou, vindo no eu um outro mascarado, despersonalizado, não é obra de todos. Os relatos aqui deixados falam por si.

Não se estranhe, por consequência, que um agente de seguros, uma neuroanatomista, um escritor com frequência de um curso universitário de matemática e um médico patologista não produzam textos idênticos em matéria de qualidade literária e não possuam, no mesmo grau, marcas pessoais de *insight* e a capacidade de tirarem partido dos seus conhecimentos para, por via do autoconhecimento ou em resultado dele, realizarem uma viagem ao seu próprio interior que lhes permita verem-se ao espelho. A heterogeneidade encontrada constitui, todavia, ao contrário do que se possa imaginar, uma mais-valia, uma vez que o horizonte ganha amplitude e impede que se instale uma visão de túnel, tanto no pesquisador como no simples leitor destas matérias.

As histórias de acidentes vasculares cerebrais acabadas de expor comprovam o interesse pessoal que em mim despertaram, pelas ligações que apresentam à linguagem (oral e escrita), e como me desafiam em particular as narrativas em que o *insight* está de alguma forma presente.

Moral da aula: posto que estamos numa instituição que visa transmitir e consolidar o conhecimento, este - o conhecimento -, para lá de tudo o que se possa conjeturar, também é basilar para impulsionar o espírito crítico e o efeito de distanciamento em que este se alicerça. E assim se promovem o autoconhecimento e a subsequente maestria para cada um poder observar-se, objetivando-se que, ao servir-se desse potencial, venha a atingir o desejado equilíbrio pessoal, em toda a sua abrangência.

Referências

- Cardoso Pires, José (1997). *De profundis, valsa lenta*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Coltheart, M. (1980). Reading, phonological recoding, and deep dyslexia. In: Coltheart, M., Patterson, K., & Marshall, J. C. (Eds.), *Deep dyslexia*. (pp. 197-226). London, Boston and Henley: Routledge & Kegan Paul.
- Damáσιο, H., Tranel, D., Grabowski, T., Adolphs, R., & Damásio, A. (2004). Neural systems behind word and conceptual retrieval, *Cognition*, 92, 179-229.
- Fitzakerley, Janet. 2015. *Speech and language. Cortical language areas*, Disponível em <https://www.d.umn.edu/~jfitzake/Lectures/DMED/SpeechLanguage/CorticalSLAreas/CorticalLanguageAreas.html>, acessado a 14 de janeiro de 2021.
- Germain, Claude. 2018. *The neurolinguistic approach (NLA) for learning and teaching foreign languages. Theory and practice*. UK: Cambridge Scholars Publishing.
- Girolami-Boulonier, Andrée (1993). *L'apprentissage de l'oral et de l'écrit*. Collection "Que sais-je?" N.º 2717. Paris: Presses Universitaires de France.
- Lobo Antunes, João (1997). Carta a um amigo-novo. In Pires, José Cardoso. *De profundis, valsa lenta* (pp. 7-18). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Marcuschi, Luis Antônio (2001). *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. 2.ª edição. São Paulo: Cortez Editora.
- Marshall, John C., & Newcombe, Freda (1966). Syntactic and semantic errors in paralexia. *Neuropsychologia*, 4, 169-176.
- Marshall, John C., & Newcombe, Freda. 1973. Patterns of paralexia: a psycholinguistic approach. *Journal of Psycholinguistic Research*, 2(3), 175-199.
- Marshall, John C., & Newcombe, Freda (1980). The conceptual status of deep dyslexia: an historical perspective. In: Coltheart, M., Patterson, K., & Marshall, J. C. (Eds.), *Deep dyslexia*. (pp. 1-21). London, Boston and Henley: Routledge & Kegan Paul.
- Paradis, Michel (1998). The other side of language: Pragmatic competence. *Journal of Neurolinguistics*, 11(1-2), 1-10.
- Paradis, Michel (2004). *A neurolinguistic theory of bilingualism*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Peixoto, José Luís (2019). Entrevista. Somos o nome do escritor. *Somos livros*. Bertrand Livresiros. A revista da livraria mais antiga do mundo B 1732, 22 de junho de 2019, p. 10-15, 2019.
- Pinto, Maria da Graça Castro (2017). *Nos bastidores da iniciação à entrada no mundo da escrita. Do CALE a intervenções e pressupostos de ordem cognitiva e neurológica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- Pinto, Maria da Graça Lisboa Castro (1984). *Síndrome de dislexia profunda. Contribuição neurolinguística para a sua compreensão*. Trabalho complementar para prestação de provas de doutoramento em Linguística Aplicada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Snowdon, David (2001). *Aging with grace. The nun study and the science of old age: how we can all live longer, healthier, and more vital lives*. London: Fourth Estate.

Taylor, Jill Bolte (2006). *My stroke from insight: A brain scientist's personal journey*. Printed in the United States.

Disponível em [http://dfrydendall.net/art_depot/comics/Jill%20Bolte%20Taylor%20-%20My%20Stroke%20of%20Insight%20\(PDF\).pdf](http://dfrydendall.net/art_depot/comics/Jill%20Bolte%20Taylor%20-%20My%20Stroke%20of%20Insight%20(PDF).pdf), acessado em 5 de julho de 2019.



envelhecimento cognitivo e a linguagem na pessoa idosa, temas que constituem as suas áreas de interesse. É autora de cerca de duas centenas de livros, de capítulos em livros e de artigos publicados em Portugal e no estrangeiro sobre temas relacionados com a sua pesquisa. Salienta-se a Research Associate Position na Universidade de Indiana, Bloomington, a convite do Professor Thomas Sebeok, da Universidade de Indiana, bem como a bolsa obtida através da Linguistic Society of America para participar em cursos do Linguistic Summer Institute na Universidade de Maryland.

Em 1983, foi convidada a participar num encontro sobre Psicolinguística em Bruxelas no âmbito da International Society of Applied Linguistics, sociedade de que foi membro do *Advisory Council*, Tesoureira, Vice-Presidente, Secretária-Geral e Presidente, sendo atualmente *Honorary Member*.

Foi Vice-Reitora da Universidade do Porto de 1998 a 2001.

Em 2006, deu início, em colaboração com a Reitoria da UP, ao Programa de Estudos *Universitários para Seniores da Universidade do Porto* (PEUS), o qual surgiu na sequência do seu interesse pelo envelhecimento cognitivo e pela linguagem na pessoa idosa, matérias que constituem também objeto da sua pesquisa.

Foi Diretora do Curso de Doutoramento em Didática de Línguas da Universidade do Porto de 2009 a 2016. Foi, também, diretora da revista *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, e é, desde 2010, Diretora da revista *Linguarum Arena: Revista de Estudos em Didática de Línguas da Universidade do Porto*, além de integrar a Comissão Científica de várias revistas internacionais.

É membro do Centro de Linguística da Universidade do Porto, coordenando a linha de Psicolinguística Aplicada.

ISBN 978-989-8969-76-7



9 789898 648945